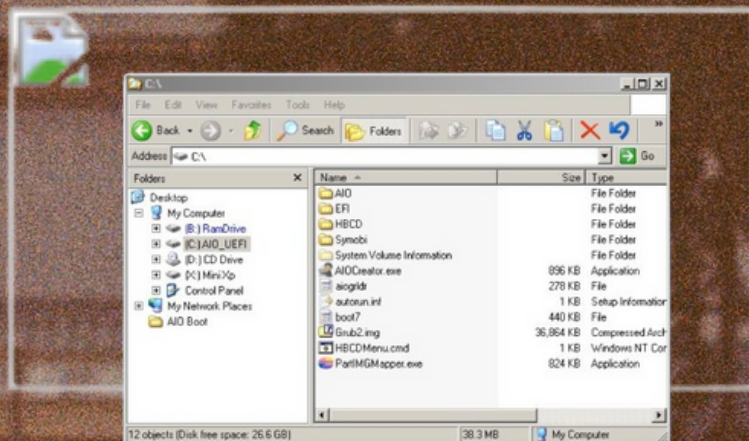


Um silêncio uma pororoca

por Juliana Pautilla



Palavras em Processo – Acompanhamento Artístico do Programa Pororoca

Texto escrito para apresentar o projeto da casa aos visitantes do ateliê aberto.

Um silêncio, uma pororoca¹

Por Juliana Pautilla²

Essa casa-projeto que você está entrando agora é uma parceria entre eu e Jéssica Lauriano, e mais um monte de gente que vem e vai. Movimento de passantes. Essa parceria foi acontecendo a partir de uma necessidade de pensar nossa existência nessa cidade louca, intensa e babilônica. A ideia de residência artística surgiu a partir de uma observação das nossas práticas cotidianas como artistas, um olhar para o nosso dia a dia e nossas necessidades de vida e criação.

Temos uma história com teatro e o teatro tem disso, de coletividade, de agrupamento. A casa deu esse sentido, já que nossa prática teatral começou a tomar outro rumo. Nosso intuito foi caminhando para o desenvolvimento de projetos individuais e colocá-los para jogo no coletivo. Autonomia – do artista e no circuito da arte - começou a ser nossa motivação.

As coisas tomam forma para além do nosso tamanho, porque ao abrir nossa casa para tantos artistas, as ideias de todas as pessoas nos atravessam e muda de algum modo a dinâmica de cada residência. Assumimos uma postura de troca, conversas, provocações, acompanhamentos e uma certa curadoria se faz nesse entrelaçamento. Nosso objetivo é fazer viver o que está pulsando da pesquisa de cada artista, e cada um traz seu tempo. Conviver perpassa isso tudo. Acordar, comer, dormir, criar em um ritmo mais doméstico. Às vezes calma, às vezes intensidade, às vezes silêncio e às vezes, pororoca.

¹ Texto escrito para apresentar o projeto da casa aos visitantes do ateliê aberto, realizado ao final de um ciclo de residência artística. Dezembro de 2021.

² Artista e psicanalista. Atua profissionalmente na clínica psicanalítica e no campo das artes. Graduada em Música/UEMG (2013), mestra em Artes Cênicas/UFGM (2014), especialista em Análise de Movimento/Faculdade Angel Vianna (2015). Percurso psicanalítico: esquizoanálise e filosofia da diferença no Núcleo de Subjetividades da PUC-SP (2022-atual). Estudos freudianos, trauma e violência de estado na REM - Rede para Escutas Marginais (2022-23). Arte e fundamentos psicanalíticos na ALCEP - Associação Livre Centro de Estudos em Psicanálise (2023-2024). Formação continuada em grupos de estudos, entrelaçando arte, psicanálise, esquizoanálise, colonialidade. Faz gestão de residências artísticas e acompanhamentos artísticos individuais desde 2019, através do Programa Pororoca. Dirigiu 15 espetáculos, escreveu 06 dramaturgias e vem realizando produções textuais diversas, para museus, artistas visuais, além de publicações autônomas.

A vida que pulsa por baixo da massa asfáltica, essa natureza que irrompe, transborda. As rachaduras que aparecem na calçada, quando uma raiz quebra o concreto são uma imagem-inspiração para nós nessa residência, nessa abertura da nossa casa. Como cuidar do espírito, como cuidar de um território sem fechar suas fronteiras, suas forças pulsantes, como transpor o tempo e o que fazer com nosso tempo.

Como uma casa pode ser aberta, portas e janelas abertas, abertas, e a cabeça, a cabeça sempre aberta também, a cabeça furada, a cabeça para além do crânio, a ideia, a ideia que transpassa o tempo. Como uma ideia de comum e de partilha pode unir a nós que vivemos provisoriamente aqui. Como uma ideia de comum pode permanecer, em uma força cósmica que transpassa esse corpo, essa casa, esse chão, essa parede, esses poros, essas cabeças.

Desaprender. Como desaprender? Como lidar com uma ideia sem necessariamente comprar e vender, comprar e vender, compra e venda. Isso é possível? Isso é utopia? Isso é ingenuidade? Isso é contra o capital? Isso é um fracasso? Somos (quase) todos responsáveis pelo sucesso do mundo e o sucesso do mundo pode ser a morte do nosso espírito.

Aqui nessa casa, nesse 2021, falamos e movemos alguns modos de ser e viver. Cada artista chega com suas potências, move, move a casa, move a ideia, move o projeto e sobretudo inspira possibilidades de existência numa relação de criação-desaprendizagem de maneira fluida, e aí por isso, a residência é fluxa, porque as energias e espíritos fluem aqui. Nas pinceladas, nos textos, nas ideias, nas conversas, nas comidas, esses rituais individuais e coletivos que imaginamos juntas.